

**A Teoria Austríaca da Atividade Empresarial:
uma Discussão sobre a Contribuição de Israel Kirzner**

*The Austrian Theory of Entrepreneurship:
A Discussion of Israel Kirzner's Contribution*

Lucas Casonato¹



Eduardo Angeli²



Resumo: Considerando a postura de engajamento profissional de Kirzner em um contexto de crise e posterior reorganização da Escola Austríaca, o artigo investiga se há originalidade na contribuição kirzneriana para a teoria da atividade empresarial por ele apresentada. Argumenta-se que só existe uma teoria da atividade empresarial pela presença simultânea das contribuições misesianas e hayekianas contrastadas com a microeconomia neoclássica. Assim, a principal originalidade na proposição de Kirzner é adotar as abordagens de Mises e Hayek como complementares sob um mesmo arcabouço desenhado com base num pano de fundo oferecido pela teoria tradicional e na correção das falhas apontadas por Kirzner. É a junção desses três elementos sob a ótica kirzneriana que permite simultaneamente todos os aspectos da teoria da ação empresarial.

Palavras-chave: Israel Kirzner. Atividade Empresarial. Escola Austríaca.

Abstract: Considering Kirzner's stance on professional engagement in the context of crisis and subsequent reorganization of the Austrian School, the article investigates whether there is originality in Kirzner's contribution to the theory of entrepreneurship presented by him. It is argued that there is only one theory of entrepreneurial action due to the simultaneous presence of Misesian and Hayekian contributions contrasted with neoclassical microeconomics. Thus, the main originality in Kirzner's proposition is to adopt the approaches of Mises and Hayek as complementary under the same framework designed based on a background offered by traditional theory and the correction of the flaws pointed out by Kirzner. It is the combination of these three elements from a Kirznerian perspective that simultaneously allows all aspects of the theory of entrepreneurship.

Keywords: Israel Kirzner. Entrepreneurship. Austrian School.

JEL Classification: B31. B53.

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Economia. Curitiba, Paraná, Brasil. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Escola de Negócios. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: casonato.economia@gmail.com.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Economia. Curitiba, Paraná, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Israel M. Kirzner é reconhecido como um dos principais nomes do “*Austrian revival*”, a reorganização, a partir da década de 1970, da Escola Austríaca, após sua queda de prestígio em meados do século XX (VAUGHN, 1994, p. 92-93; CHAMILALL; KRECKÉ, 2002, p. 300). Kirzner é considerado um dos líderes desse movimento, seja pelo seu papel institucional e de organização (BOETTKE, 1995), seja pelo esforço intelectual e acadêmico (RIZZO, 2002, p. 3; RIZZO, 2014, p. 1). De acordo com Barbieri (2001, p. 35), as contribuições de Kirzner ajudaram a consolidar e avançar a agenda de pesquisa da Escola Austríaca de Economia na época. Essa afirmação pode ser explicada, principalmente, pelo fato de Kirzner ter proposto uma teoria da atividade empresarial para explicar o processo de mercado, em uma agenda de pesquisa que viria a ser consolidada com a publicação do livro *Competition and entrepreneurship* (1973) (BOETTKE; SAUTET, 2013, p. x; 2015, p. xi; 2018a, p. x).³

Em síntese, a teoria da atividade empresarial colocada por Kirzner se destaca pela introdução de uma função responsável por identificar e explorar diferenciais de preços para um mesmo produto, permitindo lucro puro para quem a realiza, ao mesmo tempo que promove maior coordenação econômica.⁴ Kirzner conceituou pela primeira vez essa característica da ação humana no artigo de 1967 intitulado “Methodological individualism, market equilibrium, and market process”. As ideias desse texto seriam desenvolvidas pelo autor para constituírem uma teoria do processo de mercado em que a função empresarial assume papel central, resultando no livro *Competition and entrepreneurship* (1973) (JAKEE; SPONG, 2003, p. 453; BOETTKE; SAUTET, 2013, p. ix; 2015, p. xi; 2018b, p. xii).

³ Com base em Kirzner (1997a), material em que o autor propõe uma síntese de sua tese sobre atividade empresarial, podem ser considerados elementos centrais nessa teoria: (1) estado de desequilíbrio; (2) equilíbrio como compatibilidade de planos (ações e expectativas); (3) estado de alerta da função empresarial; (4) existência de oportunidade de lucro puro; (5) percepção empresarial de uma oportunidade de lucro; (6) tendência à extinção do lucro puro (dos erros de decisão); (7) tendência de descoberta de novas oportunidades de lucro; (8) impossibilidade do equilíbrio no mundo real.

⁴ Em Kirzner (1967), a função do empresário-produtor está contemplada pela descrição do empresário em geral, empresário que está alerta aos diferenciais de preço não explorados.

No prefácio de *Competition and entrepreneurship*, Kirzner (2013, p. 15) afirma que havia em curso uma retomada de interesse sobre a microeconomia no período. Porém, as discussões estiveram centralizadas na teoria dos preços tradicional, ao admitirem o sistema econômico em equilíbrio, ignorando a ideia do mercado como um processo. Nas críticas à teoria convencional permanecera a ênfase na situação de equilíbrio, mantendo negligenciada a posição da Escola Austríaca — justamente aquela que, para Kirzner, não cairia nos erros apontados entre as diversas abordagens discutidas.

Apesar da importância atribuída pela literatura econômica à teoria da atividade empresarial apresentada por Kirzner, bem como à existência de elementos dessa teoria em suas obras anteriores, o autor não admite que a originalidade dessa contribuição seja sua. Antes, aponta essa proposição como um desenvolvimento das ideias de Mises e Hayek acerca do processo de mercado (KIRZNER, 2015c, p. 176; 2015b, p. 40-42; 2015d, p. 54; 1997a, p. 19 e 50).⁵

Porém, para Boettke e Sautet (2013, p. x), *Competition and entrepreneurship* (1973) faz mais do que desenvolver as ideias de autores que inspiraram Kirzner. Nessa leitura, a originalidade da obra consiste no fato de que o autor “[...] opened the door of the modern theory of market process by going beyond Mises’s and Hayek’s respective views. Kirzner’s goal was to reconstruct market theory.” (BOETTKE; SAUTET, 2013, p. xi). Assim, “Kirzner’s theory presents a truly endogenous approach to economic change, providing an explanation for the generation of knowledge and its link to innovation in markets.” (BOETTKE; SAUTET, 2009, p. xii). Para Rizzo (2014, p. 2), Kirzner dá sentido ao conjunto disperso das ideias misesianas.

Segundo Koppl (2002, p. 20), existem evidências tanto em favor quanto em contrário à ideia de que a teoria da atividade empresarial esteja toda na obra misesiana. Dessa forma, destacam-se duas interpretações possíveis para o papel de Kirzner na teoria da atividade empresarial defendida pelo autor. A primeira é a de que ele apenas desenvolve *insights* das obras de Mises, ou de Mises e Hayek,

⁵ Como reconhecem Boettke e Sautet (2013, p. x), “Kirzner himself did not claim to provide anything new, but simply to elaborate on the work of Ludwig von Mises and Friedrich Hayek”.

tal como ele defende. A segunda é de que existem contribuições originais de Kirzner, como argumentam outros autores.

É possível identificar diversos trabalhos que precedem a teoria kirzneriana da ação empresarial, em particular os citados diretamente por Kirzner, como o livro *Human action* (1998) e o ensaio “*Profit and loss*” (2008), de Mises, e o livro *Individualism and Economic Order* (1948) de Hayek. Além desses, tem-se a antecipação de elementos centrais da teoria da ação empresarial nos três primeiros livros escritos por Kirzner, como apontado por Boettke e Sautet (2010, p. x), embora esses materiais também tenham sido influenciados pelos trabalhos de Mises e Hayek.

Diante disso, o presente artigo pretende oferecer uma avaliação a respeito da contribuição específica de Kirzner à construção da teoria da atividade empresarial kirzneriana ao mostrar, a partir de evidências textuais, como Kirzner promoveu a articulação entre elementos misesianos e hayekianos, contra um pano de fundo oferecido pela teoria neoclássica, para construir sua própria teoria da atividade empresarial.

O restante deste artigo está dividido da seguinte maneira: a segunda seção analisa seus precursores a partir da identificação deles por Kirzner. A terceira seção apresenta a articulação teórica tecida por Kirzner para a elaboração de sua teoria da atividade empresarial. A quarta seção apresenta as conclusões do artigo.

2 OS PRECURSORES DA TEORIA KIRZNERIANA DA AÇÃO EMPRESARIAL

Esta seção apresenta as contribuições que antecederam a teoria kirzneriana da ação empresarial apontadas pelo próprio Kirzner. Adicionalmente, inclui-se a teoria tradicional dos preços, tal como criticada pelo autor, já que ela é utilizada como base comparativa para sua discussão. Dessa forma, a seção está dividida em três subseções: (a) a descrição kirzneriana da microeconomia tradicional dos preços; (b) a contribuição de Mises; e (c) as ideias de Hayek.

Isso se justifica porque Kirzner (2015d, p. 54) aponta a existência de três caminhos para a teoria econômica a partir do subjetivismo proposto por Menger (1871), sendo eles:

- 1) A economia *mainstream*, que lidava com o subjetivismo por meio das contribuições deixadas por Lionel Robbins. Para Kirzner, esse caminho é incompleto, já que, ao aceitar o conhecimento perfeito, negligenciou as condições de ignorância e incerteza. Assim, essa corrente teria reconhecido apenas as preferências dos agentes como subjetivas, considerando existente uma estrutura individual prévia de fins e meios para eles. Com isso, o problema econômico nessa corrente tornou-se a alocação ótima dos recursos por meio da decisão otimizadora realizada a partir de fatores dados (KIRZNER, 2015d, p. 52);
- 2) O subjetivismo radical, seguido por Shackle e Lachmann, autores que teriam tomado as contribuições de Menger em sentido oposto ao *mainstream*, mas avançando muito com relação à proposição original. Por terem descartado a hipótese de conhecimento perfeito, para esses autores as escolhas individuais não podem ser derivadas de uma estrutura prévia de fins e meios. A qualquer momento as decisões se encontrariam objetivamente indeterminadas a partir dos fatores considerados existentes, já que dependeriam de expectativas subjetivas formadas durante o processo de escolha, o que levaria à rejeição de uma tendência ao equilíbrio (KIRZNER, 2015d, p. 53);⁶

⁶ Além das contribuições de Lachmann, o subjetivismo radical seria representado na Escola Austríaca por O'Driscoll e Rizzo (1985), autores do livro *The economics of time and ignorance*. Na sua crítica a essa obra, Kirzner defende a existência da tendência ao equilíbrio na teoria austríaca, embora aceite que ele não seja alcançável. Com isso, Kirzner afirma que o autor, ao adotar o subjetivismo radical, admitiu uma volatilidade tamanha para os dados econômicos básicos que torna disruptivas as decisões dos agentes. Isso implicaria ignorar a possibilidade de forças econômicas que promovem padrões no mercado, resultando na inexistência de uma tendência coordenadora na economia (KIRZNER, 1994e, p. 39-30). Kirzner destaca que Mises e Hayek partiram de um entendimento de mercado dinâmico por seu caráter competitivo (KIRZNER, 1994e, p. 40-41) e mesmo isso permitiria uma tendência ao equilíbrio econômico. Então, para Kirzner (1994e, p. 42-43), O'Driscoll e Rizzo rejeitam contribuições misesianas e hayekianas acerca do equilíbrio, um estado que nessas leituras não é tomado como alcançável, mas como ponto de referência teórico para a análise econômica.

- 3) O moderno *Austrian revival*, um caminho iniciado por Mises e Hayek e retomado no último quarto do século XX. Essa versão admitiria a função empresarial no processo de mercado, responsável pela disseminação do conhecimento durante a competição, o que aproximaria a economia do equilíbrio. Como seguidora do subjetivismo, essa visão seria intermediária com relação às outras duas, do *mainstream* e do radicalismo (KIRZNER, 2015d, p. 54).⁷

Logo, os caminhos 1 e 3 compartilhariam, além do subjetivismo, a crença de que o mercado gera forças sistemáticas na promoção da tendência ao equilíbrio. Porém, quanto ao funcionamento do mercado, Kirzner (1997a, p. 18-19) entende que as visões de Mises e Hayek explicitam um novo paradigma austríaco para a teoria dos preços, oposto ao da economia *mainstream*. Para Kirzner, Mises e Hayek retomaram uma discussão acerca do mercado deixada de lado na década de 1930 pela própria teoria neoclássica (KIRZNER, 1997a, p. 19).

Essa visão é compartilhada por Boettke e Sautet (2018a, p. ix), que defendem não ser possível entender a centralidade do mercado na economia se ele é tomado como um estado final de coisas que ações individuais são incapazes de mudar. A despeito da distorção gerada por esse entendimento, foi justamente a noção de mercado adotada pela economia *mainstream*, substituindo a noção que prevalecia no século XIX do mercado como um lugar real das trocas.

Segundo Boettke e Sautet (2011b, p. 37-38), o pano de fundo das ideias kirznerianas é composto por duas visões existentes para a teoria dos preços que lhe foram apresentadas durante o doutorado. A tradicional, baseada em Stigler (1946), e a de Mises (1998), ambas em oposição à macroeconomia keynesiana. A despeito do mérito de desafiar o domínio macroeconômico, faltavam à teoria microeconômica tradicional os meios para explicar a formação de preços em um modelo em que todos são considerados tomadores de preço. Assim, “[...] the brilliance of Kirzner

⁷ Segundo Garrison (1982), a Economia austríaca deveria ser tida como ocupante de um posicionamento intermediário entre extremos teóricos na interpretação de alguns temas. Kirzner (1992d, p. 3-4) denominou essa proposição de “tese de Garrison” para reafirmar que a Escola Austríaca ocupa posição intermediária com relação a pressupostos sobre o conhecimento e a propensão do mercado à coordenação econômica.

rests in the way he opened the closed framework of traditional microeconomics by introducing the entrepreneurial element.” (BOETTKE; SAUTET, 2011b, p. 38).

É nesse sentido, de reconstrução dos conceitos de competição e mercado, que Kirzner recupera os trabalhos de Mises e Hayek. Ao interpretar o mercado como processo de competição, em detrimento da análise no equilíbrio, o entendimento do mercado estaria retornando à ideia da competição vista como tentativa de superação entre indivíduos na busca por lucro (BOETTKE; SAUTET, 2018a, p. x). Segundo Boettke e Sautet (2018a, p. x), “[...] this view builds on the work of Mises and Hayek, for whom the important issue was to understand the process that leads to equilibrium, not to assume equilibrium as a starting hypothesis.”. E a chave disso é a forma como os agentes aprendem a partir da sua participação no mercado.

Para Boettke e Sautet (2013, p. x-xi), Kirzner toma de Mises a noção de *homo agens* e a função empresarial, ao passo que usa de Hayek a proposta de um conhecimento disperso na sociedade, em que o problema econômico é o da coordenação dos planos individuais (BOETTKE; SAUTET, 2013, p. x-xi). Para Kirzner (1997a):

In emphasizing the entrepreneurial character of the Misesian market process, we are at the same time drawing indirect attention to the Hayekian mutual-discovery aspect of that very same process. [...], *an entrepreneurial discovery theory of the market process can be developed which draws on the complementarity between the Misesian and the Hayekian insights*. (KIRZNER, 1997a, p. 51, grifo nosso).

É por isso que Kirzner (1997a, p. 19) defende que “[...] the theory of entrepreneurial discovery [...] offers a synthesis of Misesian and Hayekian insights which places Austrian understanding of the market process in an entirely different framework from that of contemporary mainstream micro-economic theory”.

Deve-se ter em mente que, de certa forma, não são apenas as contribuições de Mises e Hayek que levaram à formulação da proposta de uma função empresarial por Kirzner. Também foi importante o entendimento kirzneriano acerca do conceito de mercado adotado na economia *mainstream*, da qual Kirzner procurou

se afastar, defendendo a ideia de um processo de mercado que é dirigido pelo empresário alerta às oportunidades de ganho não exploradas.

2.1 A Teoria Tradicional sob a Ótica da Atividade Empresarial Kirzneriana

Segundo Kirzner, a visão austríaca e a teoria convencional compartilham um princípio metodológico comum. São abordagens teóricas consistentes com o individualismo metodológico, que iniciam a análise na tomada de decisão individual e que consideram as interações de entre os agentes (KIRZNER, 2015c, p. 178).

Kirzner apresenta a teoria econômica tradicional dos preços, de maneira geral, como uma explicação para as mudanças de alocação dos recursos a partir de eventos exógenos ao mercado. Dessa maneira, a teoria convencional acabaria por descrever as diferentes condições necessárias para que a economia se encontre nesses distintos pontos de equilíbrio (KIRZNER, 2015c, p. 175; 2013, p. 3-4). Dessa forma de ver a economia, Kirzner destaca três pontos fundamentais.

O primeiro ponto é o da limitação das decisões individuais aos problemas de alocação de recursos pelo agente econômico (KIRZNER, 2015c, p. 179-180; 2013, p. 25-26). Essa crítica deriva da natureza do processo decisório individual, já que o agente economizador apenas promoveria passivamente o ajuste nas decisões para conciliar seus propósitos às situações enfrentadas (KIRZNER, 2015c, p. 179). Esse agente é identificado por Kirzner como originado na proposição de Robbins sobre a alocação de recursos econômicos, que considera que fins e meios já estão dados. O problema disso seria ignorar a ação propositada nas decisões individuais, confinada à existência dos fins previamente admitidos (KIRZNER, 2015c, p. 180). Dessa forma, Kirzner entende que a teoria econômica tradicional considera a decisão individual como um problema computacional (KIRZNER, 2015c, p. 183), excluindo aprendizado e deliberação.

Admitir os agentes como maximizadores de utilidade ou lucro, como se tem no desenvolvimento da teoria tradicional dos preços a partir do agente econômico robbinsiano, não permite a introdução de novas informações no sistema econômico.

E esse seria um ponto fundamental para Kirzner, já que a atividade empresarial seria a responsável pela inclusão e disseminação de novas informações no mercado (BOETTKE; SAUTET, 2015, p. x).

O segundo ponto da crítica kirzneriana para a teoria tradicional aponta para o irrealismo das hipóteses admitidas para sustentar a análise econômica com base no equilíbrio (KIRZNER, 2013, p. 30). Segundo Kirzner, a suposição do conhecimento perfeito, além de irrealista, traz consigo a admissão da presença do estado de equilíbrio na economia (KIRZNER, 2013, p. 30), principalmente porque no equilíbrio os planos de todos os indivíduos são compatíveis, excluindo qualquer possibilidade de ganhos puros. Não há frustração ou qualquer outro tipo de surpresa, tal que não é necessário que as decisões dos agentes venham a se coordenar na alocação dos recursos porque elas já estariam previamente coordenadas em seus planos. Como não há ignorância, o mercado é completamente eficiente, independentemente da função empresarial para a coordenação entre os indivíduos (KIRZNER, 2013, p. 21).

O terceiro ponto criticado por Kirzner na teoria tradicional é a conceituação da competição como um estado de coisas que encerra a concorrência entre os agentes (KIRZNER, 2013, p. 70). A teoria convencional dos preços estaria preocupada com os possíveis estados de equilíbrio gerados por diferentes conjuntos de dados objetivos na economia (KIRZNER, 2015c, p. 175). Dessa forma, supondo o estado de equilíbrio como ponto de partida, acaba por excluir a função empresarial, já que são eliminadas as possibilidades de descoberta e a criatividade, tal que não há como incorporar mudanças endógenas na sequência de eventos no mercado. Nessa perspectiva, Kirzner afirma que a única possibilidade de mudanças genuínas, não antecipáveis pelos agentes, fica a cargo dos eventos exógenos (KIRZNER, 2013, p. 4-5).

Além de ter entendido a teoria econômica tradicional dessa maneira, e criticado os pontos acima destacados, Kirzner buscou se inspirar nas interpretações teóricas que ampliavam o papel do agente no processo decisório, utilizavam hipóteses mais realistas e entendiam a concorrência como um processo competitivo. O pensamento econômico kirzneriano entende que a teoria tradicional

parte de um estado de equilíbrio, o que exclui as oportunidades de lucro e elimina a função empresarial. Essa percepção o levou à utilização das contribuições de Mises e Hayek, cujas formulações teóricas para a dinâmica do mercado também se opunham às da teoria convencional. Porém, segundo Vaughn (1992, p. 253), embora Kirzner tenha criticado a teoria neoclássica durante toda a sua carreira, suas críticas seriam voltadas à discussão da natureza dos pontos em comum com ela.

2.2 A Teoria Misesiana sob a Ótica da Atividade Empresarial Kirzneriana

A importância de Mises para o desdobramento da teoria da atividade empresarial de Kirzner fica clara quando este autor aponta seu livro *Competition and entrepreneurship* (1973) como um desenvolvimento de ideias misesianas (KIRZNER, 2012, p. 9). Referenciando as obras de Mises, *Human action* (1949) e *Profit and loss* (1951), Kirzner renuncia à originalidade a respeito da visão empresarial sobre processo de mercado. Para si só fica o crédito pela versão da teoria tal como apresentada (KIRZNER, 2013, p. 68).

Na interpretação de Boettke e Sautet (2015, p. ix), a economia tradicional transforma os agentes econômicos em autômatos e as ciências sociais em “física social”. Teria sido Mises quem retomara a importância da ação humana para a teoria econômica, apontando que são os propósitos humanos que lhe caracterizam.

A base da teoria misesiana é a ação humana, um comportamento propositado que o indivíduo leva a cabo para alcançar seus objetivos (MISES, 1998, p. 11). A decisão de agir decorre da existência de um desconforto que se quer remover quando há a expectativa de que o resultado intencionado na ação possa modificar a situação (MISES, 1998, p. 14).

A teoria convencional admite um agente reativo, com base na estrutura de fins e meios que lhe é anterior, de modo que só cabe a ele realizar o cálculo ótimo para sua satisfação, bem como reagir às mudanças nas condições que lhe envolvem. O agente misesiano, por outro lado, é o denominado *homo agens* por sua característica de agir ativamente na busca de seus propósitos, reconhecendo que

suas ações se dão em um ambiente de incerteza, sem garantia dos resultados esperados (MISES, 1998, p. 13-14). Como toda ação é baseada na antecipação individual de seus resultados, está sempre sujeita a erro, porque seus efeitos ocorrem em um futuro incerto, por mais próximo que esteja da decisão (MISES, 1998, p. 253). Portanto, essas ações são imbuídas de propósito e especulação por parte do próprio indivíduo no processo decisório, que reconhece a hostilidade do ambiente incerto.

Kirzner afirma que foi a ação humana, como explicada por Mises, que lhe serviu para se contrapor à economização robbinsiana (KIRZNER, 2013, p. 69). Para Kirzner, Mises enfatizará a ação humana na busca deliberada pela remoção do desconforto, e isso também envolveria um processo economizador, mas com outros elementos associados, porque o:

Homo agens is actively *seeking* out the best course of action; he is venturing, innovating, exploring, searching. He is constantly *testing* the nature of the constraints which circumscribe him. He is not tacking a problem imposed by a *given* pattern of means and ends; he is seen *before* any given pattern of means and ends has crystallized as *the* relevant one. (KIRZNER, 2015c, p. 180-181, grifo do autor).

A defesa de Kirzner (2015c, p. 180-181) é, portanto, que o *homo agens* de Mises se diferencia do *homo economicus* pela capacidade de transformar ativamente sua própria estrutura de fins e meios. Nessa leitura, as restrições enfrentadas pelos indivíduos quanto aos seus fins não são vistas como barreiras limitadoras, mas como obstáculos a serem superados.

Portanto, é possível que os indivíduos antevejam lucros na remoção de tais dificuldades. Mises (2008, p. 155) esclarece que o lucro é uma categoria praxeológica, dada pela diferença entre os ganhos e os custos na realização de uma ação. Dessa forma, tem caráter estritamente pessoal e não quantificável. Sob a divisão do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção, como ocorre no mercado, entretanto, é possível quantificar o lucro por meio do cálculo econômico, porque o “[...] economic calculation can comprehend everything that is exchanged against Money.” (MISES, 1998, p. 213). Assim, a ação humana no contexto do

mercado fica confinada aos atos de compra e venda. Sempre que o agente busca algo que é melhor para si, comprando ao menor preço ou vendendo ao maior, está agindo para remover seu desconforto. Dessa forma, o ato de adquirir algo por um preço para vendê-lo a um preço maior é uma atividade normal no mercado (MISES, 1998, p. 241).

A oportunidade de lucro decorre de uma situação de desajuste entre a utilização dos recursos econômicos e os desejos mais fortes dos consumidores. O lucro é uma recompensa para quem promove a maior coordenação nessa situação (MISES, 2008, p. 151). No modelo misesiano, o responsável por ajustar a alocação dos recursos econômicos aos interesses dos consumidores é o empresário. Esse personagem busca atender aos consumidores da melhor maneira possível por dois motivos indissociáveis: ter lucros e evitar os prejuízos (MISES, 2008, p. 143). É o sistema de ganhos e perdas do mercado que define quem continuará nesse mercado, de modo que os indivíduos só se mantêm como empresários por sua própria capacidade com relação aos demais (MISES, 2008, p. 147). Mas ganhos e perdas no mercado lhes são incertos, porque o resultado de suas ações só é conhecido no futuro (MISES, 1998, p. 343), tal que o lucro empresarial depende da correta antecipação das condições futuras do mercado (MISES, 2008, p. 143).

Mises (2008, p. 145) esclarece que a atividade dos empresários consiste na tomada de decisões. Assim, mostra que a figura do empresário é uma ilustração teórica para a função empresarial que é realizada por todos os agentes no sistema econômico. Segundo Mises (1998, p. 253-254), todos os indivíduos são empresários e especuladores no mundo real e, dessa forma, a função empresarial é uma função econômica específica de agir sob incerteza. Essa condição faz com que a ação empresarial seja um guia do sistema econômico, por meio da busca pelo lucro (MISES, 1998, p. 297). Embora sejam representantes da demanda, são os empresários que conduzem o processo de mercado. “These are people intent upon profiting by taking advantage of differences in prices. Quicker of apprehension and farther-sighted than other men, they look around for sources of profit” (MISES, 1998, p. 325). E o fazem com base em suas ações, que incluem inovações e especulação nas atividades de compra e venda.

Mises (1998, p. 249) utiliza a figura do empresário como ilustração para comparar o sistema econômico em dois estágios distintos, tanto no equilíbrio, apresentado sob a denominação de economia uniformemente circular, como no processo de mercado. Com isso, defende que só há espaço para o empresário no segundo caso, porque no primeiro ele estaria excluído pela ausência de oportunidades para sua atuação, dada a inexistência do lucro. Kirzner (1997a, p. 16) mostra essa caracterização do equilíbrio como uma “construção imaginária” que não deixa espaço para o empresário. Na teoria misesiana, o método das construções imaginárias é defendido como forma de análise dos fenômenos, contrastando-se as condições sob as quais ele é pressuposto e as condições existentes no mundo real, método defendido pela impossibilidade de se fazer experimentos nas ciências sociais (MISES, 1998, p. 238).

No estudo sobre as variações dos preços no mercado, para Mises (1998; 2008), deve-se incorporar uma tendência para o equilíbrio, de modo que se possa admitir a direção para essas variações, considerando as condições sob as quais os preços param de mudar. Esse ponto é uma construção imaginária porque nunca poderá ser alcançado, mas serve para compreender os movimentos que levam às mudanças nos preços (MISES, 1998, p. 246). Para Mises (2008, p. 171), o problema dos economistas da sua época era considerar a construção imaginária do equilíbrio como passível de ser alcançada no mundo real.

Se o mercado não pode ser admitido como em equilíbrio, e o processo de mercado é inerentemente competitivo, a competição é o processo pelo qual os indivíduos buscam se superar aos demais na busca pelo lucro, permitindo que os mais aptos sobrevivam na realização de cada tarefa. E o resultado dessa competição, para Mises, é o mercado, entendido como um processo em que os agentes interagem na busca pela melhoria das suas condições individuais. O mercado permite, por meio da concorrência, que um agente alcance seus propósitos, ao passo que isso, ao mesmo tempo, possibilita que outros agentes atinjam os deles (MISES, 1998, p. 258-259).

Essa conceituação do mercado, tomada em contraposição à admissão da economia neoclássica da competição como um estado de coisas em que não há mais

concorrência, será fundamental para o pensamento econômico kirzneriano. De acordo com Kirzner (2013, p. 9-10), o aproveitamento de oportunidades no mercado depende de os competidores garantirem cada vez mais vantagens nas opções que oferecem ao longo do tempo, cada um tentando se antecipar aos demais. Na ausência dessa competição, em um estado de coisas em que todas as decisões já se complementaram como no estado de equilíbrio, o processo competitivo torna-se impossível.

De acordo com Kirzner (1997a, p. 16), o título do principal livro de Mises, *Human action* (1949), reflete a ênfase do autor na ação propositada que será sempre especulativa, partindo de um julgamento individual realizado consciente da condição de incerteza. “For Mises the analytical unit is the human act, and the essential feature of the human act is its speculative entrepreneurial dimension.” (KIRZNER, 1997a, p. 32-33).

As contribuições teóricas do arcabouço misesiano utilizadas por Kirzner possuem aderência aos elementos centrais da teoria da atividade empresarial. Verifica-se na contribuição de Mises: (1) a existência de um estado de desequilíbrio; (2) o equilíbrio como ajuste mútuo dos agentes no mercado pelo encerramento do processo competitivo – sem explicitar a convergência de planos individuais; (3) a ação humana propositada que percebe oportunidades; (4) a existência de oportunidades de lucro; e (5) a impossibilidade de equilíbrio no mundo real pela condição de incerteza.

2.3 A Teoria Hayekiana sob a Ótica da Atividade Empresarial Kirzneriana

A influência exercida pelos trabalhos de Hayek para a teoria da atividade empresarial se apresenta, principalmente, na conceituação do equilíbrio, no papel do conhecimento difuso no processo de mercado e na competição como um processo de descoberta. Esta última surge em um trabalho publicado por Hayek após o primeiro artigo de Kirzner sobre a função empresarial, tal que influenciará de maneira explícita apenas trabalhos kirznerianos posteriores.

Para Hayek (1948a), a teoria econômica tradicional admite o equilíbrio a partir da existência de informações objetivas e disponíveis para a tomada de decisão dos agentes, como tecnologia e preferências. Porém, essa visão estaria ignorando o estabelecimento de um plano individual no processo decisório do agente, que requer levar em conta as decisões que serão tomadas por outros indivíduos. Com isso, um plano é contingenciado, porque não se tem garantida a concretização dos planos de terceiros do qual o primeiro depende (HAYEK, 1948a).

O equilíbrio ocorre quando há compatibilidade de planos entre os agentes econômicos. Esses planos são feitos com base em antecipações (HAYEK, 1948a, p. 35-36). Assim, a convergência para um estado de equilíbrio depende de que todos os planos sejam capazes de prever corretamente as condições futuras do mercado (HAYEK, 1948a, p. 36-37). Logo, tais planos devem se basear nas mesmas expectativas quanto aos eventos exógenos, bem como nas mesmas antecipações quanto aos planos dos demais integrantes do mercado (HAYEK, 1948a, p. 38). Dessa maneira, o equilíbrio implica que os indivíduos tenham a mesma percepção subjetiva em suas observações econômicas, representando compatibilidade mútua de planos. Nessa situação não há frustração entre os agentes, porque suas decisões se complementam totalmente (HAYEK, 1948a, p. 40). O alcance desse equilíbrio implica que os indivíduos alcançaram os objetivos de seus planos, e não há incentivo para modificar o planejamento (HAYEK, 1948a, p. 35-36).

Esses planos individuais são pautados no “conhecimento relevante” de cada agente, de modo que qualquer alteração nesse conhecimento deve implicar mudanças de planos, o que afeta o estado de equilíbrio (HAYEK, 1948a, p. 36-37). Ao agir, cada agente está indicando à sociedade — aos demais agentes — qual é seu plano individual. E isso aumenta o conhecimento dos indivíduos quanto às possibilidades existentes, uma vez que tal plano está sendo executado. Como esses indivíduos também possuem planos, essa nova informação pode fazer com que eles revisitem seu planejamento, de acordo com o alinhamento de seus próprios planos quanto aos planos sinalizados pelas ações dos outros agentes. Essa dinâmica configura um processo de comunicação de planos que dissemina o conhecimento (HAYEK, 1948d).

Mas Hayek esclarece que o conhecimento não envolve apenas as questões objetivas e subjetivas utilizadas pela teoria tradicional. Antes, compreende uma definição mais larga, que também envolve o conhecimento tácito dos agentes, que muitas vezes não é passível de transmissão (HAYEK, 1948a, p. 51-52). Dessa forma, Hayek defende que o conhecimento que não trata apenas do conhecimento científico, porque não é esse o único que tem relevância, defendendo que o conhecimento tem caráter contextual, de tempo e lugar, e subjetivo, próprio do indivíduo, quanto à melhor forma de sua utilização (HAYEK, 1948d, p. 80).

No entendimento hayekiano, os indivíduos possuem conhecimentos particulares e expectativas distintas com relação ao futuro, ao mesmo tempo que incluem as decisões esperadas de outros agentes no planejamento de suas próprias ações. Surgem planos individuais cujo sucesso depende não só da capacidade preditiva de cada agente, mas de que os outros agentes sejam bem-sucedidos na realização de seus planos. Não havendo garantia de que os planejamentos individuais sejam compatíveis entre si, ou de que todos venham a ser concretizados como esperado, abrindo a possibilidade de frustração de planos e do desequilíbrio daí decorrente.

Por isso Hayek critica a pressuposição do conhecimento perfeito, porque, a partir dela, solucionar o problema da ordem econômica torna-se um exercício de lógica. A melhor forma de utilizar os meios disponíveis para o alcance dos fins seria uma consequência direta de tal pressuposto (HAYEK, 1948d, p. 77). O que não estaria garantido, porque o conhecimento relevante é individualizado, e os planejamentos individuais de ações também o são. Como a informação é subjetiva, não se pode esperar que os diferentes agentes a interpretem da mesma maneira (HAYEK, 1948c, p. 93-94).

Portanto, o mercado não poderia ser analisado como se estivesse em equilíbrio, como faz a teoria tradicional, porque nisso estaria findado o processo de competição, o que implicaria que todo o conhecimento relevante na sociedade já estaria disseminado para todos. Para Hayek, a interação entre demandantes e ofertantes remete ao conhecimento daquilo que é desejado por consumidores e as oportunidades disponíveis aos vendedores. Como esse conhecimento é individual,

particular de cada agente, só seria transmitido na dinâmica da competição de mercado com a demonstração das intenções de compra e venda (HAYEK, 1948c, p. 95-96). Por supor o estado de equilíbrio, e com isso o conhecimento perfeito, a teoria econômica tradicional da “competição perfeita” não é capaz de explicar o processo de concorrência (HAYEK, 1948c, p. 102).

Para Hayek (1948a, p. 50-51), a sociedade enfrenta um problema de divisão do conhecimento que é semelhante ao da divisão do trabalho. Cada indivíduo possui um conhecimento que lhe é particular e o utiliza da maneira como acha mais conveniente para perseguir seus objetivos. Como resultado, a sociedade torna-se mais integrada, facilitando a cada agente atingir seus fins. Esse processo de coordenação social ocorre espontaneamente, sem que os conhecimentos individuais precisem estar reunidos. “The economic problem of society is [...] how to secure the best use of resources known to any of the members of society, for ends whose relative importance only these individuals know.” (HAYEK, 1948d, p. 77-78).

O sistema de preços exerce uma função fundamental para a coordenação dos planos na economia, ao mostrar o resultado das diferentes avaliações dos bens e serviços existentes, permitindo que os participantes do mercado revejam seus planos de compra e venda. Esse rearranjo independe de os agentes conhecerem as particularidades nos mercados de cada produto, ou o motivo das variações dos preços. Basta que a sinalização dessas mudanças por meio dos preços para a reformulação dos planos. Os preços finais carregam em si informações intermediárias que os agentes não precisam obter diretamente (HAYEK, 1948d, p. 85-86).

Hayek esclarece que a competição é um processo em que as opiniões das pessoas acerca do mercado são testadas, seja de compra ou venda por determinado preço, seja de possibilidades ou oportunidades a serem aproveitadas. Com isso há a disseminação do conhecimento, de quais opiniões foram acertadas ou não, o que gera mudanças incessantes no processo de mercado (HAYEK, 1948c, p. 105-106).

Então, o problema econômico é garantir o uso eficiente dos recursos existentes quando o conhecimento relevante sobre suas possibilidades de uso é disperso, particular e contextual. Logo, a sociedade se depara com a tarefa de obter a

coordenação desse conhecimento para seu melhor proveito. Isso é alcançado quando os agentes decidem individualmente a melhor utilização para seu conhecimento, que é ampliado e revisto à luz da interação com os demais agentes (HAYEK, 1955, p. 98-99). O mecanismo que permite a ocorrência desse processo é o mercado, já que os agentes tomam suas decisões a partir do seu conhecimento particular e com base no sistema de preços. Dessa forma, o sistema de preços torna-se uma central de informações que permite aos indivíduos ajustar suas decisões (HAYEK, 1955, p. 99). Isso gera a propensão ao equilíbrio, que na visão hayekiana é uma tendência à coordenação do conhecimento por meio da sua utilização na atividade econômica (HAYEK, 1948a, p. 55).

Kirzner citará Hayek diretamente na definição do equilíbrio como compatibilidade de planos e expectativas entre os agentes econômicos (KIRZNER, 2015c [1967], p. 176), apontando que, embora Hayek não tenha explicitado a função empresarial no mercado, ele:

[...] explored the ways in which the market process made market participants aware of each other's attitudes and prospective plans. A state of equilibrium, Hayek pointed out, is one in which market participants have somehow come to expect on the part of other participants, precisely those plans to be made which do in fact turn out to be made. All plans made in the correct expectation of corresponding plans being made by others. (KIRZNER, 1997a, p. 17).

Assim, o equilíbrio é entendido no pensamento kirzneriano da mesma forma como defendido por Hayek. É tomado como um estado de perfeita compatibilidade de planos, em que todas as oportunidades são exploradas e não há nenhuma frustração (KIRZNER, 1997a, p. 17). Para Kirzner, a identificação feita por Hayek do equilíbrio como um padrão de sustentação mútua de expectativas fornece o elemento necessário para que o processo equilibrador ocorra, o aprendizado — a aquisição mútua de conhecimento pelos participantes do mercado (KIRZNER, 1997a, p. 17). Adicionalmente, as posições defendidas por Hayek permitiriam entender um padrão nas mudanças das decisões dos agentes, que seria explicado pelo padrão de mudanças no conhecimento dos indivíduos (KIRZNER, 2015b, p. 42).

Já em “Competition as a discovery procedure”, Hayek (1978) defende a ideia de que a informação na economia depende da sua descoberta, e que essa descoberta, por sua vez, dependerá da competição entre os indivíduos. Uma vez existindo competição, os resultados do mercado indicarão as oportunidades existentes diretamente por meio do sistema de preços. Logo, o indivíduo em posse de um conhecimento (que é sempre particular) estará informado pela sinalização do mercado sobre as possibilidades que ele tem disponível para o uso do seu conhecimento e habilidades (HAYEK, 1978, p. 181-182). Da mesma forma, o uso desse conhecimento e/ou das habilidades informa aos demais agentes econômicos sobre seus resultados. Portanto, não há apenas o conhecimento disseminado pelo sistema de preços para todos os agentes, mas também um conhecimento que é individual e particular, sob possibilidades de uso de suas próprias atribuições.

Kirzner defende em seu livro *Discovery, capitalism, and distributive justice* (1989) que é central em sua proposição o entendimento do mercado como processo de descoberta. Segundo o autor, “[...] [e]ach market transaction is the outcome of simultaneous discoveries by the parties involved. But, in addition, the total pattern of income distribution, and the total output of the market society, must both be recognized as being *discovered* outcomes.” (KIRZNER, 2016, p. 72, grifo do autor).

Considerando a influência das obras de Hayek sobre o pensamento econômico kirzneriano, também é possível identificar uma relação entre as ideias hayekianas e elementos centrais da teoria da atividade empresarial de Kirzner, já que estão presentes: (1) a predominância da situação de desequilíbrio; (2) o equilíbrio como compatibilidade de planos — a partir de ações e expectativas; (3) a existência de oportunidades de lucro a serem descobertos; e (4) a impossibilidade do equilíbrio no mundo real.

3 A CONTRIBUIÇÃO DE ISRAEL KIRZNER PARA A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL

Discutir qual é o valor adicionado por Kirzner à teoria da atividade empresarial, em particular tendo em mente seu livro de 1973, é relevante na medida em que o autor aponta ter apenas desenvolvido as ideias de Mises e Hayek

para a teoria da atividade empresarial (2015c, p. 176; 2015b, p. 40-42; 2015d, p. 54; 1997a, p. 19 e 50). De acordo com Koppl (2002, p. 19), Kirzner sempre afirma que sua teoria da atividade empresarial está na obra de Mises, repetindo a frase “[i]t’s all in Mises.”. Porém, outras interpretações sugerem que Kirzner faça mais do que apenas desenvolver ideias que lhe são anteriores.

Algumas leituras limitam-se a contestar que Kirzner esteja apenas desenvolvendo as ideias misesianas. O próprio Koppl (2002, p. 20) aponta que uma interpretação possível é que Mises esteja restrito à análise de indivíduos com escala de valores baseada em seu conhecimento pessoal, ao passo que Kirzner estaria acrescentando um elemento praxeológico para a mudança desse conhecimento, e, conseqüentemente, para as alterações na hierarquia de valores. Para Boettke (2014, p. 234), Kirzner dedicou sua carreira ao estudo das ideias misesianas, mas não ficou restrito a isso, propondo-se também a desenvolvê-las. Rizzo (2014, p. 2) defende que Kirzner é original em promover uma teoria coerente a partir das ideias de Mises, ao passo que Garrison (2002, p. 343) aponta que Kirzner tem tanto mérito quanto Mises no desenvolvimento de uma teoria da atividade empresarial.

Outras interpretações buscam mostrar que Kirzner transcende à conjugação das ideias de Mises e Hayek. Boettke e Sautet (2013, p. xi) argumentam que Kirzner apresenta uma teoria que é capaz de explicar as mudanças endógenas na economia por meio da geração e disseminação do conhecimento nos mercados. Dessa forma, a teoria da atividade empresarial de Kirzner teria solucionado o problema hayekiano sobre o conhecimento (BOETTKE; SAUTET, 2009, p. xii; HORWITZ, 2010, p. 97). A contribuição kirzneriana atenderia como explicação para a coordenação dos indivíduos por meio da disseminação do conhecimento, explicando a emergência de uma ordem social. Boettke e Sautet (2018a, p. xi) ainda defendem que se credite à teoria kirzneriana a readmissão do elemento humano na discussão econômica, suprimido na teoria tradicional em sua ênfase nas condições de equilíbrio.

Os primeiros materiais publicados por Kirzner foram influenciados pelo par Mises-Hayek, como seus primeiros livros. *The Economic point of view* (1960) é

derivado da tese de doutorado de Kirzner, que além de ter sido orientada por Mises, conclui pela defesa da praxeologia misesiana (KIRZNER, 2009, p. 169). No livro *Market theory and the price system* (1963), o objetivo era oferecer um livro-texto de microeconomia baseado na versão austríaca do processo de mercado em oposição aos manuais da Escola de Chicago e do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) (BOETTKE; SAUTET, 2011a, p. xii). Kirzner (1997c, p. 4) afirma que o livro buscou levar as ideias de Mises para o restante da profissão dos economistas e para os alunos de graduação.

Nesse livro não há como escapar à influência das ideias de Mises e Hayek, de acordo com Boettke e Sautet (2011a, p. xiv), porque:

As Kirzner explained in an interview in 2006, in the book he was trying to bridge a gap between the neoclassical view of the market and what he understood Mises as saying about the market process. No one at the time really grasped Mises's view of entrepreneurship or what Hayek meant regarding the role of knowledge. (BOETTKE; SAUTET, 2011a, p. xiv).

Já no livro *An essay on capital* (1966), Kirzner faz uma junção das ideias de Böhm-Bawerk e Mises para a explicação do capital e dos juros (BOETTKE; SAUTET, 2010). Nessa obra, Kirzner afirma que sua proposta para o entendimento do capital segue uma abordagem que “[...] sees the economic theory as the extensively worked out *logic of acts of individual choice*.” (KIRZNER, 2010, p. 16, grifo do autor). Dessa maneira, Kirzner assume uma perspectiva misesiana, ao passo que também faz referência ao trabalho de Hayek sobre a formulação de planos e a subjetividade na interpretação dos dados objetivos (KIRZNER, 2010, p. 26).

Da mesma forma, Kirzner enxerga seu livro de 1973 como uma tentativa de levar as ideias de Mises e Hayek para o restante da profissão:

I [Kirzner] did hope by writing that book to explain to the economics profession what Mises, particularly, was saying. It Always seemed to me that Misesian ideas were ideas which economists in general ought to appreciate and which for some reason they were not able to appreciate. There was a communication barrier, and I saw my book as a way of

somehow piercing that barrier and transmitting the Misesian and Hayekian ideas to the profession at large. (BOEHM, 1992, p. 95).

De fato, só existe uma teoria da atividade empresarial kirzneriana pela presença simultânea das contribuições misesianas e hayekianas contrastadas com a microeconomia neoclássica. Assim, a principal originalidade na proposição kirzneriana foi adotar as abordagens de Mises e Hayek como complementares sob um arcabouço desenhado com base no pano de fundo oferecido pela teoria tradicional e na correção das falhas dela. É a junção desses três elementos que permite simultaneamente todos os aspectos da teoria da ação empresarial.

Essa questão se reveste de importância pela própria percepção que Kirzner oferece dos caminhos teóricos seguidos por Mises e Hayek. No pensamento kirzneriano, Mises não deu atenção especial ao processo de aprendizagem dos indivíduos, ao passo que Hayek não enfatizou o caráter especulativo que tem a função empresarial (KIRZNER, 1997a, p. 18). Embora Kirzner trate dessas negligências a partir dos diferentes aspectos que esses autores buscaram enfatizar em suas obras, fato é que, sob esse ponto de vista específico, as abordagens de Mises e Hayek são distintas. O reconhecimento dessa diferença leva Kirzner (1997a, p. 18) a afirmar que “[i]n terms of the positive theory of entrepreneurial discovery, the differences between Mises's understanding of the dynamic market process and Hayek's understanding of that same process, are less important than the congruence of these two ways of understanding markets.”. Diferenças que, para Kirzner, embora possam ser menos importantes, nem por isso deixam de existir. O que é condizente com a especulação feita por Jakee e Spong (2003, p. 473-474), de que Kirzner tenha buscado resolver problemas da economia tradicional com base na teoria austríaca para poder conciliar as distintas visões metodológicas de Mises e Hayek.

Para Kirzner, os trabalhos de Mises e Hayek diferem em alguns aspectos, mas com possibilidade de complementariedade no processo de mercado. Mises enfatizando o caráter empresarial do mercado e Hayek o papel do conhecimento. Tomar essas contribuições conjuntamente é o que permite o reconhecimento do cerne da atividade empresarial “[...] the kind of process involving the pure

discovery of knowledge.” (BOEHM, 1992, p. 110). E esse resultado é, para Kirzner (1997c, p. 7), mais importante do que as diferenças que ele vê entre as abordagens de Mises e Hayek.

Nesse sentido, a teoria da atividade empresarial colocada por Kirzner faz com que a teoria do processo de mercado avance para além das posições individuais que foram assumidas por Mises e Hayek, como defendido por Boettke e Sautet (2013, p. 10). Ao mesmo tempo, a teoria kirzneriana é realmente um desenvolvimento das ideias de Mises e Hayek, como defendido por Kirzner. Como colocado por Garrison (2002, p. 343), “Kirzner has pushed beyond Mises in several instances to the point of making the Misesian theories his own.”.

Porém, a principal contribuição de Kirzner pode ser atribuída à sistematização de uma versão teórica do processo de mercado alinhando os elementos teóricos misesianos e hayekianos, ao considerar que “[...] these two ways of articulating a theory of market process turn out to be two sides of the same coin.” (KIRZNER, 1997a, p. 18). O que é condizente com a própria perspectiva de Kirzner sobre sua teoria da atividade empresarial enquanto uma versão da teoria do processo de mercado (KIRZNER, 2013, p. 68).

A teoria kirzneriana do processo de mercado seria uma visão austríaca para o sistema de preços e o funcionamento do mercado superior à teoria tradicional. A teoria do processo de mercado de Kirzner é contribuição que mantém o individualismo metodológico e a distinção entre classes/agentes no sistema econômico para dar foco na função econômica, que é realizada por cada um em sua respectiva decisão. Essa teoria kirzneriana oferece uma sistematização que é apresentada em forma específica, nos moldes da própria teoria tradicional. Como Kirzner afirmou: “I claim, indeed, that the ‘alertness’ view of entrepreneurship enable us to have the best of both worlds: we *can* incorporate entrepreneurship into the analysis without surrendering the heart of microeconomic theory.” (KIRZNER, 2015a, p.146-147).

Kirzner fornece uma base científica para o processo de mercado ao criticar os elementos que supostamente legitimam as teorias neoclássicas do mercado e do sistema de preços (BOETTKE; D’AMICO, 2010, p. 89). Boettke e D’Amico (2010, p.

89, grifo do autor) resumem apropriadamente o cerne da contribuição kirzneriana: “Kirzner’s creative synthesis of Mises and Hayek was employed to address a theoretical *lacuna* in neoclassical theory.”.

Adicionalmente pode-se defender que, após sistematizar uma teoria do processo de mercado com base na função empresarial em 1973, Kirzner tenha feito posteriormente apenas contribuições marginais à sua teoria (VAUGH, 1992, p. 253; JAKEE; SPONG, 2003, p. 461-462): (i) ênfase na existência de diferentes tipos de erro a que a ação empresarial está sujeita, como nos casos de excesso de otimismo ou pessimismo (KIRZNER, 1997a, p. 45); e (ii) diferenciação entre variáveis induzidas e variáveis subjacentes no sistema econômico (KIRZNER, 1992, p. 42) — exemplos que não aparecem de maneira explícita no *Competition and entrepreneurship*” (1973).

Essa leitura, de que a principal contribuição de Kirzner para a teoria da atividade empresarial seja a de formatar uma versão para a teoria do processo de mercado, pode ser defendida com base na conclusão de Douhan, Eliasson e Henrekson (2007, p. 221-222). Para os autores, a principal contribuição kirzneriana foi ampliar o público para a teoria da ação empresarial — e com isso o espaço para as ideias austríacas.

Flexibilizando as hipóteses da Ciência Econômica para um caso mais próximo da realidade, abandonando o conhecimento perfeito e a situação de equilíbrio, Kirzner explicita a origem da dinâmica econômica: a função empresarial. Sob a condição de falibilidade e dispersão do conhecimento, inerentes à incerteza existente no desequilíbrio, o empresário kirzneriano, ou a função empresarial dos agentes, dissemina informações e coordena a economia. Isso permite à teoria do processo de mercado um poder explicativo mais abrangente que o da economia tradicional, já que essa última está confinada ao equilíbrio. Com isso, Kirzner fornece a explicação para a tendência ao equilíbrio, seja ela vista sob o processo de mercado ou sob a economia tradicional, a concorrência empresarial entre os agentes econômicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou mostrar como Kirzner construiu sua teoria da atividade empresarial a partir da combinação dos arcabouços misesiano e hayekiano contra um pano de fundo neoclássico. Argumentou-se que a originalidade de Kirzner para teoria da atividade empresarial foi reunir os elementos teóricos das contribuições de Mises e Hayek sob um mesmo arcabouço, semelhante ao do *mainstream*, apesar de Kirzner reconhecer diferentes ênfases nas proposições teóricas desses autores.

Sob o ponto de vista de uma teoria do processo de mercado, a tese da atividade empresarial kirzneriana avança com relação as abordagens misesiana e hayekiana quando essas são tomadas individualmente. A versão de Kirzner é capaz de explicar, ao mesmo tempo, tanto a ação propositada como a disseminação do conhecimento na economia por meio da função empresarial dos indivíduos. Tudo isso tendo como pano de fundo um sistema econômico teórico-analítico como utilizado pela teoria tradicional para explicar o sistema de preços.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, F. *O processo de mercado na Escola Austríaca Moderna*. 2001. 188 p. Dissertação – Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- BOEHM, S. Austrian economics and the theory of entrepreneurship: Israel M. Kirzner interviewed by Stephan Boehm on 2 May 1989. *Review of Political Economy*, v. 4, n. 1, p. 95-110, 1992.
- BOETTKE, P. J. Book review of Israel M. Kirzner: classics in Austrian economics. 3. ed. *The Freeman*, v. 45, n. 2, p. 134-135, 1995.
- BOETTKE, P. J. Teaching Austrian economics to graduate students. *Journal of Economics and Finance Education*, v. 10, n. 2, p. 19-30, 2011.
- BOETTKE, P. J. Entrepreneurship, and the entrepreneurial market process: Israel M. Kirzner and the two levels of analysis in spontaneous order studies. *Review of Austrian Economics*, v. 27, p. 233-247, 2014.

BOETTKE, P. J.; D'AMICO, D. J. Corridors, coordination, and the entrepreneurial theory of the market process. *Journal of Private Enterprise*, v. 25, n. 2, p. 87-96, 2010.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: the economic point of view*. Indianapolis: Liberty Fund, 2009. v. 1. p. xi-xix.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: essays on capital and interest*. Indianapolis: Liberty Fund, 2010, v. 2. p. ix-xiii.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: market theory and the price system*. Indianapolis: Liberty Fund, 2011a. v. 3. p. ix-xiii.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. The genius of mises and the brilliance of Kirzner. *The Annual Proceedings of the Wealth and Well-Being of Nations*, v. 3, p. 31-43, 2011b.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: competition and entrepreneurship*. Indianapolis: Liberty Fund, 2013. v. 4. p. ix-xiii.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the emergence of entrepreneurship theory*. Indianapolis: Liberty Fund, 2015. v. 5. p. ix-xii.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: competition, economic planning, and the knowledge problem*. Indianapolis: Liberty Fund, 2018a. v. 7. p. ix-xiv.

BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: the essence of entrepreneurship and the nature and significance of market process*. Indianapolis: Liberty Fund, 2018b. v. 8. p. ix-xiv.

CALLAHAN, G. A comment on Klein/Briggeman and Kirzner. *Journal of Private Enterprise*, v. 25, n. 2, p. 105-115, 2010.

CHAMILALL, N. S.; KRECKÉ, E. Professor Kirzner on Carl Menger: to what extent was Carl Menger subjectivism? *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, v. 12, n. 1, p. 153-169, 2002.

DOUHAN, R.; ELIASSON, G.; HENREKSON, M. Israel M. Kirzner: an outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. *Small Business Economics*, v. 29, n. 1-2, p. 213-223, 2007.

FOSS, N. J.; KLEIN, P. G. Alertness, action, and the antecedents of entrepreneurship. *Journal of Private Enterprise*, v. 25, n. 2, p. 145-164, 2010.

GARELLO, P. Entrepreneurship and progress: the need for a greater integration of Kirzner's and Hayek's insights. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, v. 12, n. 2, p. 213-228, 2002.

GARRISON, R. W. Austrian economics as the middle ground: comment on Loasby. In: KIRZNER, I. M. (Ed.). *Method, process, and austrian economics*. Lexington: D.C. Heath and Company, 1982, p. 131-138.

GARRISON, R. W. Capital, interest, and Professor Kirzner. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, v. 12, n. 2, p. 343-356, 2002.

HAYEK, F. A. Economics and knowledge. In: HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 33-56, 1948a.

HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948b.

HAYEK, F. A. The meaning of competition. In: HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948c. p. 92-106.

HAYEK, F. A. The use of knowledge in society. In: HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948d. p. 77-91.

HAYEK, F. A. *The counter-revolution of science*. Indianapolis: Liberty Fund, 1955.

HAYEK, F. A. Competition as a discovery procedure. In: HAYEK, F. A. *New studies in philosophy, politics, economics and the history of ideas*. London: Routledge, 1978. p. 179-190.

HOLCOMBE, R. G. The origins of entrepreneurial opportunities. *The Review of Austrian Economics*, v. 16, n. 1, p. 25-43, 2003.

HORWITZ, S. Kirznerian entrepreneurship as a Misesian solution to a Hayekian problem. *Journal of Private Enterprise*, v. 25, n. 2, p. 97-103, 2010.

JAKEE, K.; SPONG, H. Praxeology, entrepreneurship and the market process: a review of Kirzner's contribution. *Journal of the History of Economic Thought*, v. 25, n. 4, p. 461-486, 2003.

KIRZNER, I. M. The economic point of view. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.) *The collected works of Israel M. Kirzner: the economic point of view*. Indianapolis: Liberty Fund, 2009. v. 1. p. 1-189.

KIRZNER, I. M. Rational action and economic theory. *Journal of Political Economy*, v. 70, n. 4, p. 380-385, 1962.

KIRZNER, I. M. Market theory and the price system. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: market theory and the price system*. Indianapolis: Liberty Fund, 2011. v. 3. p. 1-346.

KIRZNER, I. M. Three views of method in economics by Henry W. Briefs. *Journal of Political Economy*, v. 71, n. 6, p. 614-615, 1963a.

KIRZNER, I. M. Rational action and economic theory: rejoinder. *Journal of Political Economy*, v. 71, n. 1, p. 84-85, 1963b.

KIRZNER, I. M. On the premises of growth economics. *New Individualist Review*, v. 3, n. 1, p. 20-28, 1963c.

KIRZNER, I. M.; SMYTH, R. L. (Ed.). Resenha do livro essays in economic method. *Journal of Political Economy*, v. 72, n. 1, p. 97-98, 1964.

KIRZNER, I. M. What economists do. *Southern Economic Journal*, v. 31, n. 3, p. 257-261, 1965.

KIRZNER, I. M. An essay on capital. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: essays on capital and interest*. Indianapolis: Liberty Fund, 2010. v. 2. p. 14-133.

KIRZNER, I. M. Methodological individualism, market equilibrium and the market process. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: Austrian subjectivism and the emergence of entrepreneurship theory*. Indianapolis: Liberty Fund, 2015c. v. 5. p. 175-189.

KIRZNER, I. M. The nature of economic thought: selected papers, 1955-64. *The Journal of Business*, v. 40, n. 2, p. 209-210, 1967a.

KIRZNER, I. M. Divergent approaches in libertarian economic thought. *Intercollegiate Review*, v. 3, n. 3, p. 101-108, 1967b.

KIRZNER, I. M. The theory of imperfect competition: a radical reconstruction. *The Journal of Business*, v. 43, n. 4, p. 489-490, 1970a.

KIRZNER, I. M. The "power" problem on campus: an economist's view. *Intercollegiate Review*, v. 6, n. 3, p. 99-103, 1970b.

KIRZNER, I. M. Economic policy and the regulation of corporate securities. *The Journal of Business*, v. 44, n. 4, p. 467-468, 1971a.

KIRZNER, I. M. Entrepreneurship and the market approach to development. In: HAYEK, F. A. *et al. Toward liberty: essays on honor of Ludwig von Mises on the occasion of his 90th birthday*. Institute for Humane Studies, 1971b. v. 2. p. 194-208.

KIRZNER, I. M. Advertising. *The Freeman*, v. 22, n. 9, p. 515-528, 1972.

KIRZNER, I. M. Competition and entrepreneurship. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: competition and entrepreneurship*. Indianapolis: Liberty Fund, 2013. v. 4. p. 1-194.

KIRZNER, I. M. *Competição e atividade empresarial*. 2. ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2012.

KIRZNER, I. M. Entrepreneurship, economics, and economists. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: Austrian subjectivism and the emergence of entrepreneurship theory*. Indianapolis: Liberty Fund, 2015a. v. 5. p. 139-150.

KIRZNER, I. M. Ludwig von Mises and Friedrich Hayek: the modern extension of Austrian subjectivism. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner: Austrian subjectivism and the emergence of entrepreneurship theory*. Indianapolis: Liberty Fund, 2015b. v. 5. p. 28-47.

KIRZNER, I. M. The use of labels in doctrinal history: comment on Baird. *Cato Journal*, v. 9, n. 1, p. 231-237, 1989.

KIRZNER, I. M. Discovery, capitalism and distributive justice. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner*: discovery, capitalism, and distributive justice. Indianapolis: Liberty Fund, 2016. v. 5. p. 1-169.

KIRZNER, I. M. *The meaning of market process*: essays in the development of modern Austrian economics. London: Routledge, 1992.

KIRZNER, I. M. The subjectivism of Austrian economics. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The collected works of Israel M. Kirzner*: Austrian subjectivism and the emergence of entrepreneurship theory. Indianapolis: Liberty Fund, 2015d. v. 5. p. 48-60.

KIRZNER, I. M. *How markets work*: disequilibrium, entrepreneurship and discovery. London: The Institute of Economic Affairs, 1997a.

KIRZNER, I. M. The crisis of vision in modern economic thought: an Austrian economist's perspective. In: BOETTKE, P. J.; HORWITZ, S. (Ed.). *Advances in Austrian economics*. Jai Press, 1997b. v. 4. p. 149-154.

KIRZNER, I. M. The Kirznerian way: an interview with Israel M. Kirzner. *Austrian Economic Newsletter*, v. 17, n. 1, p. 1-8, 1997c.

KLEIN, D. B.; BRIGGEMAN, J. Israel Kirzner on coordination and discovery. *Journal of Private Enterprise*, v. 25, n. 2, p. 1-53, 2010.

KOPPL, R. Austrian economics at the cutting edge. *Review of Austrian Economics*, v. 19, p. 231-341, 2006.

KOPPL, R. What is alertness? *Journal des Économistes et des Études Humaines*, v. 12, n. 1, p. 3-13, 2002.

KORSGAARD, S. *et al.* A tale of two Kirznors: time, uncertainty, and the "nature" of opportunities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 40, n. 4, p. 867-889, 2016.

LEWIN, P. Entrepreneurship and the defense of capitalism: an examination of the work of Israel Kirzner. *Journal des Économistes et des Études Humaines*, v. 12, n. 2, p. 203-212, 2002.

MCCAFFREY, M. On the theory of entrepreneurial incentives and alertness. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 38, n. 4, p. 891-911, 2014.

MISES, L. V. *Human action*. Scholars' edition. Auburn: Mises Institute, 1998.

MISES, L. V. Profit and loss. In: GREAVES, B. B. (Ed.). *Planning for freedom: let the market system work: a collection of essays and addresses*. Indianapolis: Liberty Fund, 2008. p. 143-172.

O'DRISCOLL, G.; RIZZO, M. The economics of time and ignorance. Oxford: Blackwell, 1985.

RIZZO, M. J. Introduction. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, v. 12, n. 1, p. 3-10, 2002.

RIZZO, M. J. In honor of Israel M. Kirzner. *Review of Austrian Economics*, p. 1-3, 2014.

SALERNO, J. T. The rebirth of Austrian economics-In light of Austrian economics. *The Quarterly Journal of Austrian Economics*, v. 5, n. 4, p. 111-128, 2002.

SHOCKLEY, G. E.; FRANK, P. M. Schumpeter, Kirzner, and the field of social entrepreneurship. *Journal of Social Entrepreneurship*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2011.

STIGLER, G. J. The theory of price. Nova York, Macmillan, 1946.

VAUGHN, K. I. The problem of order in Austrian economics: Kirzner vs. Lachmann. *Review of Political Economy*, v. 4, n. 3, p. 251-274, 1992.

VAUGHN, K. I. *Austrian economics in America: the migration of a tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Autor correspondente:

Lucas Casonato

casonato.economia@gmail.com

Recebido em: 06/06/2020

Aceito em: 04/07/2021